

instituição

Seminário de marketing Conexão de hábitos e práticas dos estudantes da UBI

Alunos da licenciatura em Marketing apresentaram um seminário com trabalhos exploratórios sobre alguns hábitos dos estudantes da UBI.

"Alma Mater (sai menos, pelas tuas notas!)" é o nome sugestivo da primeira apresentação do seminário "Da informação ao conhecimento do mercado - A UBI como a (vi)vemos" levado a cabo por alunos de Marketing da UBI, no passado dia 18 de Junho.

Aldina Sousa e Jorge Varandas mostraram a relação existente entre o número de saídas à noite e o aproveitamento. Dos 63 inquéritos realizados a alunos da UBI, nos vários pólos da instituição, com uma escala de sete níveis, a resposta mais comum foi a de se sair uma ou duas vezes por semana, sendo os estudantes de segundo ano os maiores frequentadores da noite. A conclusão a que chegaram foi que "cada nível de diferença na tabela equivalia a menos 0,68 de cadeiras feitas", ou seja, quanto mais se sai à noite, menor é o saldo escolar. O modelo de trabalho utilizado, tal como as apresentações que se seguiriam, foi a análise de regressão linear.

Amanda Pimpão e Carolina Mara falaram sobre a "Utilização de acetatos e atenção nas aulas", com o objectivo de tentar perceber se o uso de acetatos pelos docentes influencia a atenção dos alunos. A conclusão a que chegaram é "existir um relação muito fraca entre a utilização destes materiais e o atenção dos alunos nas aulas". As alunas questionaram também se existiriam diferenças entre o acetato e o dispositivo (Powerpoint), mas o seu inquérito revelou haver "uma certa indiferença em relação a isso, concluindo-se que a atenção nas aulas dependeria essencialmente do facto de estarem frente a um bom professor".

A relação entre o rendimento líquido familiar e o valor da bolsa recebida pelos alunos da UBI foi o alvo da apresentação intitulada "Bolsa vs. rendimento familiar" de Ana Pais, Margarida Paiva e Pedro Costa. Embora 66 por cento dos 70 inquiridos estejam satisfeitos com o valor de bolsa que lhes foi atribuído, segundo a análise de regressão linear apenas 28 por cento dos valores das bolsas está de acordo com o rendimento líquido.

"Quem trabalha???", de Carla Borges e Cristina Manteigas, versou sobre a o nível de carga horária dos docentes da UBI e os seus anos de carreira. Para este trabalho foram inquiridos 50 docentes de todos os departamentos da instituição e concluiu-se que o número de aulas leccionadas por se-

mana diminui com os anos de carreira. No entanto, um elemento da plateia fez questão de reiterar que, independentemente do número de horas leccionadas, "todos os professores têm de fazer o mesmo número de horas, só que com funções administrativas ou de investigação".

Euro não faz diferença

Cátia Neves e João Carneiro procuraram uma eventual relação entre o facto de alunos da UBI assistirem os jogos do Euro 2004 e a sua prestação escolar, já que "o Campeonato Europeu decorre durante uma altura de frequências e exames". Desse trabalho, entendeu-se que "o Euro 2004 não vai influenciar negativamente os notas" dos alunos da UBI. Pelo contrário, muitos dos inquiridos responderam que "os jogos de futebol serviriam como períodos de pausa entre o estudo".

O grau de opinião dos alunos da UBI em relação à prestação dos seus professores e de que modo isso influencia a nota final é a relação procurada por Diana Abrantes e Leonor Figueiredo na apresentação "Tigudeias, mas eu adoro!!!". As duas alunas extraíram do seu trabalho a ideia de que há maior empatia em relação aos docentes nos alunos de Engenharias e Artes e Letras, enquanto que o valor mais baixo se verificava junto dos alunos de Ciências da Saúde.

A "Sala de Pânico", de Francisco Silva e Patrícia Alves, quis saber com que frequência os alunos colocam dúvidas durante os horários de atendimento dos docentes. Os docentes inquiridos consideram este método de ensino "muito preciso e exacto, mas eficaz, porque dá muito trabalho", sendo certo que o dia anterior às provas é de "enchente", já que 31, 25 por cento das visitas para tirar dúvidas ocorrem nessa altura. O trabalho também revelou que há uma maior procura do docente durante o seu horário de atendimento nas Ciências Sociais e Humanas.

"Um pouco mais de estudo"

A apresentação cujo nome é "Quantidade de horas dedicadas ao estudo" mostrou a variação entre o sucesso escolar e a quantidade de horas dedicadas a estudar. Com cerca de 50 inquiridos, a conclusão do estudo é que os alunos estudam com mais frequência nas alturas mais próximas dos momentos de avaliação. Um dado interessante declarado pelo trabalho é que 76 por cento dos inquiridos considerou que teria mais sucesso se estu-

dasse durante mais tempo.

Por último, Isabel Simões e Marisa Marques, apresentaram "Bora lá p'rás aulas", trabalho em que tentaram estabelecer uma relação entre as notas obtidas e o número de aulas assistidas por semestre. Tendo como base o primeiro semestre deste ano lectivo, o trabalho conclui que, em média, os alunos da UBI assistem a 83 aulas, mas não existe uma relação de causalidade entre as duas variáveis.

Ricardo Gouveia Rodrigues, docente da cadeira de "Estatística Aplicada ao Marketing" optou por levar os seus alunos a preparar um seminário aberto ao público, ao invés da apresentação dos trabalhos em aula, "porque numa universidade existem vários aspectos, um deles é o conhecimento (aprender determinados conhecimentos e mostrar que os possui), mas é também importante aprender atitude, nomeadamente a de apresentar em público, para pessoas que não lhe são familiares". O docente acredita que "esse tipo de aprendizagem tem de passar pela sua realização efectiva nesses eventos e da confrontação com situações reais". O objectivo é treinar e "limar" certos aspectos de apresentação e postura que numa situação "privada" seria impossível obter.

O que é a análise de regressão linear?

O que a regressão faz, como explica Ricardo Rodrigues, é estudar a relação de dependência ou, em casos extremos, de causalidade, entre duas variáveis (que em linguagem leiga, são características de uma pessoa, grupo, comportamento, organização...). A análise de regressão linear permite, através da observação de diferentes níveis dessa característica em vários indivíduos, estudar a relação de dependência que existe entre uma característica e a outra. Por exemplo, usando-se como variáveis a cor do cabelo e a cor dos olhos, pode-se tentar verificar se existe uma relação entre a cor do cabelo e cor dos olhos e vice-versa.

É um método probabilístico simples. O seu uso no seminário foi feito tendo em conta o nível de experiência dos alunos da cadeira. Mas "é uma preparação para disciplinas de próximos anos, em que fará a relação de variáveis de forma mais complexa, relacionando uma característica a várias outras", termina Rodrigues. **D.S.S.**

ponto de vista

Dificuldades e oportunidades

> João Canavilhas



Os licenciados em situação de desemprego vão poder voltar ao Ensino Superior para reconverter as suas habilitações, sem pagar propinas e recebendo uma bolsa de formação. Com esta iniciativa, o Governo pretende matar dois coelhos de uma cajadada: reduzir o desemprego e resolver a carência de técnicos em determinados sectores. A formação vai ser ministrada em oito instituições de Ensino Superior que nos últimos anos têm perdido alunos, e os cursos terão a duração de dois anos, com um estágio de seis meses incluído.

Independentemente dos objectivos do Governo serem ou não concretizados, considero que esta iniciativa poderá ter um efeito secundário muito importante: atenuar as consequências de uma deficiente orientação vocacional no Ensino Secundário. Por incrível que pareça, uma grande percentagem dos candidatos ao Ensino Superior entra nos Gabinetes de Ingresso sem ter a mínima ideia acerca da profissão que pretendem seguir. Muitos são permeáveis às acções de marketing das escolas que se encontram nos locais de candidatura, e em 15 minutos fazem o que não conseguiram fazer em 12 anos: escolher uma profissão. Outros optam por cursos cuja nota de ingresso é baixa ou, simplesmente, escolhem licenciaturas oferecidas por escolas localizadas em cidades mais atractivas. Face a esta indefinição dos candidatos, seria lógico que a questão empregabilidade do curso fosse uma variável importante na hora de optar, no entanto é muito raro essa preocupação ser considerada decisiva. O resultado só podia ser catastrófico: uns ingressam em cursos que não querem e outros em cursos sem saídas profissionais. A solução passa por tentar uma nova candidatura no ano seguinte ou pedir mudança de curso, o que significa perder tempo. Por falta coragem ou de apoio financeiro, muitos estudantes ficam no mesmo curso. Uns acabam por desistir, outros conseguem terminar a licenciatura, mas não chegam a trabalhar na sua área por falta de vocação ou de emprego.

A segunda oportunidade que o Governo vai dar a estes licenciados poderá ser positiva, mas tudo dependerá dos cursos que vão ser ministrados. Para já, as áreas referidas como prioritárias - turismo, artes, engenharia, informática e apoio social - não deixam antever nada de bom.

Vejam os casos do turismo: os recursos humanos necessários pertencem maioritariamente ao ramo da hotelaria e restauração. Faltam empregados de mesa, empregados de balcão, cozinheiros, arrumadeiras e porteiros. Sem qualquer menosprezo por estas profissões, pergunto: quantos licenciados estarão dispostos a optar por estas actividades?

A área das artes é outra incógnita. Por mais que puxe pela memória, não me recordo de um único anúncio a pedir pintores, escultores ou actores, por exemplo.

E a informática? Aparentemente é uma área onde faltam técnicos, mas uma rápida pesquisa no Ensino Superior público permite encontrar uma oferta de 2442 vagas em cursos com a palavra informática. Somando-lhe cerca de 250 vagas no Ensino Profissional e mais de 1500 nos cursos de Especialização Tecnológica, ficamos com uma noção da vasta oferta já existente nesta área.

No apoio social também não haverá grande falta de técnicos, mas esta até poderá ser uma boa aposta já que é uma área de futuro em sociedades desenvolvidas onde o bem-estar ao longo de toda vida é uma prioridade.

Por fim a engenharia e, aqui sim, faltam técnicos em algumas especialidades. O problema é que não havendo engenheiros para responder às necessidades de mercado, também não os há para reconverter. Resta oferecer esta formação a pessoas oriundas de outras áreas, e é aqui que surge outra dúvida: um licenciado em Línguas, por exemplo, pode tornar-se engenheiro em ano e meio? Na discussão do Processo de Bolonha, os professores desta área têm contestado uma formação inicial de apenas três anos, por isso que esta reconversão não vai ser fácil de colocar em prática para licenciados não oriundos das engenharias.

Para encerrar o capítulo das áreas prioritárias, resta perguntar porque razão as ciências da saúde não foram incluídas neste grupo, quando é público e notório que faltam técnicos nos hospitais e nos centros de saúde.

O futuro dirá, mas temo que se esta iniciativa se transformar apenas numa ocupação temporária para licenciados desempregados. Para que tal não aconteça, é necessário que se verifiquem duas condições: em primeiro lugar, que os cursos ministrados resolvam as carências do País e não as dificuldades financeiras das instituições que os vão receber. Em segundo, que os formandos vejam aqui a oportunidade de começar uma nova carreira e não uma forma de ganhar tempo.